

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL

Denise Ferreira de Almeida

**ESPECIALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
POSSIBILIDADES E VALORIZAÇÃO DA EXPRESSÃO GRÁFICA DA CRIANÇA  
DE CINCO ANOS**

Belo Horizonte

2015

Denise Ferreira de Almeida

**ESPACIALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
POSSIBILIDADES E VALORIZAÇÃO DA EXPRESSÃO GRÁFICA DA CRIANÇA  
DE CINCO ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Docência na Educação Infantil, pelo curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação infantil da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Marina Marcondes Machado

Belo Horizonte

2015

Denise Ferreira de Almeida

**ESPACIALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
POSSIBILIDADES E VALORIZAÇÃO DA EXPRESSÃO GRÁFICA DA CRIANÇA  
DE CINCO ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Docência na Educação Infantil, pelo curso de Pós-Graduação Lato Senso em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Marina Marcondes Machado

Aprovado em 28 de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Marina Marcondes Machado – Faculdade de Educação da UFMG

---

Aroldo Lacerda – FUMEC

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta o grafismo infantil em suas possibilidades por meio do estudo da espacialidade da criança e revela a necessidade da sua valorização para que os traços infantis não desapareçam em uma fase em que deveriam aflorar.

A experimentação de uma seqüência didática, envolvendo possibilidades do desenho na espacialidade, fizeram-me rever as propostas anteriores trabalhadas e modificá-las, a fim de proporcionar às crianças uma postura crítica e desafiadora.

Este trabalho enriqueceu minha capacidade de perceber a criança como protagonista, para, em seguida, sensibilizar meus pares para que percebam o desenho infantil como pertencente à criação da criança, expressão de suas dimensões e capacidades.

**Palavras-chave:** Artes visuais, Espacialidade, Educação Infantil.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
1.1 O meu eu desenhante perdido na infância e reencontrado no magistério.....	7
1.2 O espaço, as possibilidades e a valorização como partes integrantes da expressão gráfica infantil.....	10
<b>2. DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>17</b>
2.1 O mapa interpretativo.....	17
2.2 Reflexões acerca da seqüência didática.....	19
<b>3. CONCLUSÃO: E AGORA, PARA ONDE IREI?.....</b>	<b>31</b>
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Mapa das espacialidades para crianças de 5 anos.....	17
Figura 2– Desenho com barbante no chão da sala.....	20
Figura 3 – Desenho com barbante no papel A4.....	22
Figura 4- Desenho com tampinhas na mesa do refeitório.....	23
Figura 5–Desenho com fita crepe no quadro verde.....	24
Figura 6 - Desenho com papel higiênico no papel cartão preto.....	25
Figura 7 – Desenho de uma seqüência lógica.....	26
Figura 8 –Desenho com giz na escadaria.....	28
Figura 9 – Desenho com tiras de TNT.....	30

## 1. INTRODUÇÃO

1.1 O meu eu desenhante perdido na infância e reencontrado no magistério

Nasci em 1978 em Belo Horizonte - MG, onde ainda me encontro nos dias atuais. Meus pais ainda me contam como foi difícil a minha chegada do hospital para casa, pois nasci em um período muito chuvoso e a casa onde morávamos, que pertencia a minha avô paterna, não tinha boa estrutura física: as goteiras e vazamentos eram constantes dentro de casa, o que causava um desconforto muito grande para todos. Passei pouco tempo nessa casa, onde moravam também alguns tios e primos, permanecendo lá até os meus três anos. Dessa época tenho vagas lembranças.

À beira de completar quatro anos, mudamos para uma casa ainda próxima à residência da minha avó. Com muita dificuldade meu pai comprou essa casa em parceria com seu irmão. Morávamos no mesmo quintal, porém em casas separadas. Dessa época tenho lembranças muito vivas.

Eu, meus irmãos que nesse momento eram dois, mais velhos que eu, juntamente com duas primas que moravam nesse mesmo quintal e duas vizinhas com idades próximas a minha, nos reuníamos diariamente no quintal de casa para as brincadeiras. Brincamos muito dentro de casa e realizamos algumas brincadeiras na rua e em casas abandonadas que haviam perto dali. Permaneci nessa casa até os meus seis anos. Nessa época ganhei mais um irmão. E mais uma vez, nos mudamos para outra casa, ainda na mesma região.

Cheguei nessa nova casa em idade escolar e minha mãe me matriculou em uma escola bem próxima. O que ainda não sabia é que essa casa e essa escola seriam os cenários de uma longa caminhada em minha vida. A casa, por ainda ser minha atual moradia, e a escola, por me acolher até a formação do Ensino Médio.

Apesar das dificuldades, foi uma infância muito boa. Tive oportunidade de brincar muito com meus primos e irmãos. Lembro-me que dentre tantas brincadeiras, o grafismo do desenho estava constantemente presente. Era o que eu mais gostava.

Desenhava porque o desenho me completava: me fazia feliz e me proporcionava momentos de realização. Desenhava no chão, com pedaços de

objetos, no papel, na areia, no barro, no próprio corpo com canetas ou gravetos de árvore, com batons nos espelhos. Sentia-me feliz ao terminar um desenho.

As espacialidades para desenvolver meus desenhos fora da escola não eram restritas, pois gostava muito de desenhar no chão e paredes e, já que as paredes do muro da minha casa eram apenas de reboco, meus pais não se importavam com os desenhos lá feitos com pedaços de tijolos.

Desenhei muito em uma brincadeira que se chamava "finca": em tempos de chuva, após a lama se secar um pouco era possível traçar as linhas onde três participantes jogavam a finca, que era feita com um pedaço de cabo de vassoura com um prego na ponta.

Dentro da escola além do pouco envolvimento com desenhos e pinturas havia também o grande problema da disposição do espaço, uma vez que esses momentos ocorriam apenas dentro de sala de aula.

Durante minha infância desenhei muito e me lembro bem disso, porém nunca me lembro de alguém que tenha valorizado este fazer. Talvez esse seja um dos motivos que tenha me feito ir largando o desenho de lado aos poucos, de forma que não senti quando ele desapareceu completamente. Que pena essa fase acabou tão cedo e tão de repente. Parei. Simplesmente não desenhei mais.

Porém tenho uma lembrança muito forte do momento em que parei de desenhar. Uma árvore: esse foi meu último desenho. Nessa época eu estava por volta dos dez anos de idade quando ganhei uma nova irmã. E com tantos afazeres em casa, minha mãe não poderia se dedicar tanto aos momentos de interação em nossas brincadeiras. Então, desenhava pra mim mesma. Atualmente essa árvore acompanha o meu pensamento: depois de aproximadamente 27 anos eu ainda a desenho com os mesmos traços de quando parei.

Durante minha adolescência me envolvi pouco com o grafismo pois na escola os momentos ligados a artes eram pouco propostos. Em casa também não senti mais nenhum interesse em relação ao desenho.

Em minha entrada para o Ensino Médio (1985) escolhi o magistério mas não sabia por quê...

Formei-me (1988), porém sem acreditar na minha capacidade em lecionar; assim comecei a trabalhar em áreas totalmente diferentes da minha formação. Em 2009 resolvi voltar a estudar e, para dar seqüência ao que ficou parado, escolhi a "Pedagogia". Em 2011 fui efetivada no município de Nova Lima na Educação

Infantil. Detalhe, entrei devido a minha formação em magistério, pois o curso de Pedagogia ainda estava em andamento. Foi aí que tive certeza do meu tempo perdido. Formei-me em 2012. Nesse momento percebi que me encontrei profissionalmente. Tive certeza do que eu sempre tive dúvida. Em 2013 e 2014 trabalhei também com a parceria de inclusão do município, como “apoio pedagógico”.

Ainda em 2014 concluí uma extensão em Supervisão e Coordenação e uma Pós-Graduação em Neurociência da Aprendizagem. Não me senti satisfeita em nenhum deles, talvez por serem cursos *online*. Trabalhei como supervisora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental ainda no município de Nova Lima. Confesso que não me identifiquei com o Ensino Fundamental, percebendo com clareza que meu perfil estava voltado à Educação Infantil. Ao final desse mesmo ano, com o convite para o curso DOCEI/UFMG, em parceria com a prefeitura do município de Nova Lima, não tive dúvida em me candidatar e batalhar para conseguir uma vaga nesse curso tão conceituado, pois, nesse momento, já havia me tornado consciente do necessário aperfeiçoamento, para a docência digna e competente que nossas crianças merecem. Reconheço-me como “formadora de opiniões” dessas crianças e tenho consciência da minha parcela de compromisso com as mesmas. Sendo assim fiz uso do curso como grande aliado na formação profissional.

Hoje, 2015, trabalho com a Educação Infantil na faixa etária de 5 anos e, depois de pouco mais de 4 anos de envolvimento com tantas crianças, ainda tenho muita dificuldade em relação a tantos afazeres nas práticas educativas. Uma dessas dificuldades está relacionada às produções gráficas, na qual me pego constantemente com questionamentos a respeito das propostas de desenho com as crianças. Penso que essa dificuldade seja o reflexo de um tempo passado em minha vida. Talvez pelo fato de não ter sido motivada, nem valorizada nesses momentos durante a minha infância.

Envolvida ativamente nessas angústias e questionamentos a respeito do desenho infantil, a pergunta que não quer calar é: “Como possibilitar e valorizar que a criança se expresse a partir do desenho em diferentes espacialidades?” Para responder a essa pergunta recorri à pesquisa na forma de relato de experiência com fundo etnográfico, onde o professor se torna um pesquisador envolvido e atuante:

[...] o estudo etnográfico possibilita a análise 'por dentro' na procura daquilo que se constitui como particular, relacionando-o com a experiência do/a investigador/a de campo, o que permite uma maior proximidade entre este/a e os sujeitos integrantes daquele contexto particular.(WENETZ, 1995 , p. 135).

Minha pesquisa conversa com a fenomenologia, pelo fato de o professor/ pesquisador procurar o ponto de vista da criança em todo o processo do trabalho.

" A descrição fenomenológica é ferramenta do método fenomenológico. Este método pode ser decomposto em três ações, ações reveladas pelos verbos observar, descrever e interpretar." " Sobre a descrição fenomenológica" ( Machado, s/d).

Para realizar essa pesquisa fiz uso de um diário de bordo onde as anotações de todas as observações foram de suma importância para posterior interpretação reflexiva. Essa linha de pesquisa possibilita uma análise direta e sensitiva do fazer da criança, já que o docente tem oportunidade de se envolver de corpo inteiro nas propostas. O observar e "ler a criança" em seus momentos de criação é muito forte e preciso em toda a sua realidade.

Os teóricos nos permitem a ligação entre o relato e o estudo bibliográfico, algo de suma importância para a realização desse processo. Sendo assim o aporte teórico a que me dediquei foram: Barbieri (2012), Lacerda (2012), Machado (2010;2015), Moreira (1993), Sebastiani (2008), Nascimento; Tavares (2009), Vianna (1995), Wenez (2011). Esses autores juntamente com a observação realizada na escola possibilitaram a escrita desse trabalho no qual tive o prazer em ser coadjuvante e as crianças protagonistas.

Pretendo gerar em mim, como docente, um melhor posicionamento frente às minhas escolhas e decisões relacionadas às possibilidades e valorização do desenho na Educação Infantil, pelo estudo das espacialidades. Também quero contribuir com meus pares na instituição onde trabalho atualmente, apresentando o processo da pesquisa e seus resultados.

1.2 As possibilidades, a valorização e o espaço como partes integrantes da expressão gráfica infantil

Percebo que o desenho infantil ainda é um tema difícil de ser trabalhado pelo professor generalista. Afirmo isso com convicção por também fazer parte dessa equipe de profissionais que, perante uma proposta com desenhos, se sente incapaz de possibilitar a criação por parte das crianças. Essa dificuldade se relaciona com a formação do professor que acaba por se preparar de forma generalizada, nos cursos de magistério, normal superior ou pedagogia, onde, pelo curto espaço de tempo, não apenas a arte, mas também outras linguagens ficam empobrecidas em seus conteúdos. A solução para esse problema pode estar na postura em que cada profissional assume, e sua responsabilidade de querer ou não se comprometer com a melhoria de seu trabalho:

Como intelectual que é, todo (a) profissional da educação precisa comprometer-se com o estudo e com a pesquisa, bem como posicionar-se politicamente. Precisa, assim, situar-se frente aos problemas econômicos, sociopolíticos, culturais e ambientais que hoje nos desafiam e que desconhecem as fronteiras entre as nações ou entre as classes sociais. Sem esse esforço, será impossível propiciar ao(a) aluno(a) uma compreensão maior do mundo em que vive, para que nele possa atuar autonomamente. Sem esse esforço, será impossível a proposição de alternativas viáveis, decorrentes de reflexões e investigações cuidadosas e rigorosas. Daí a necessidade de um posicionamento claro e de um comprometimento com a pesquisa. (Moreira e Candau *apud* Lacerda, 2012, p.4).

O desenho é muitas vezes classificado como uma “competição entre os docentes” onde comparam qual criança desenha melhor, ou então, como um passatempo, “tapa buraco” daquele tempo que o docente necessita para realizar outros afazeres também necessários em sala de aula.

Encontramos com muita facilidade, dentro das instituições de ensino infantil, atividades de desenho que não proporcionam a criação e elaboração da criança. São atividades prontas e estereotipadas que podam a criação por parte das crianças.

Mas será que desenhar é apenas grafar alguns traços com formas reconhecíveis com o lápis no papel? Será possível ir além dessa possibilidade vista como única e “politicamente correta” pelos educadores? Como possibilitar momentos prazerosos de interação da criança com o desenho nos espaços variados que a escola nos permite usar? Como valorizar as produções gráficas de forma a motivar e reconhecer a capacidade da criança?

Muitas vezes o adulto se faz protagonista, deixando a criança limitada por pensar o desenho como algo a ser atingido à perfeição, o que faz as crianças ficarem decepcionadas ao perceberem que não conseguiram atingir a expectativa do professor. Machado nos coloca a dimensão das possibilidades de criação das crianças e as mudanças ocorridas ao longo do tempo, ressaltando que essa perspectiva já não pode imperar como única:

Com o advento da arte moderna, artistas profissionais e pesquisadores valorizaram o “gesto espontâneo” das crianças; seus rabiscos e garatujas foram considerados algo importante para a desconstrução de uma “representação convencional” – momento da industrialização da fotografia inclusive, invenção que, de certa maneira, desbancou a pintura realista.(MACHADO, 2015, p. 4).

O desenho é muito mais que meros traços em um pedaço de papel, escolhido pelo professor. O desenho é vida em movimento. O desenho é espaço:

É desenho a maneira como organiza as pedras e folhas ao redor do castelo de areia, ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha. Entendendo por desenho o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também a maneira como a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe. (MOREIRA, 1993, p.16).

O desenho para a criança é muito importante, pois é um momento no qual ela mergulha sem medo de ser feliz. A criança percebe o seu desenho como algo vivo e daí, o carinho e entusiasmo por aqueles traços. Moreira (1993), cita a fala de uma criança de 8 anos: “Desenhar é bom para tirar as idéias da cabeça. Porque sempre que a gente tem uma idéia, a gente quer ter ela, brincar com ela, aí a gente desenha ela.”(p. 15). Agora, pensando em sintonia com Machado e Moreira, enxergamos melhor um leque de possibilidades perante nossos olhos.

Outro agravante da situação é o fato de os desenhos nem serem ao menos compartilhados nas instituições, ou quando o são, em sua maioria, escolhidos para expor os "mais bonitos", sendo, usualmente, conhecidos como os famosos desenhos estereotipados, o que gera uma desvalorização com resultado na desmotivação, fazendo com que a criança até mesmo pare de desenhar, acabando por arrancar de vez a raiz criativa, fazendo-a aceitar que aquele (do desenho escolhido para exposição pelo adulto) é o único processo aceito e correto. Em seu artigo "Desenhos estereotipados: um mal necessário, ou é necessário acabar com esse mal?" Vianna

(1995), faz uma revelação que nos faz refletir e sentir na pele como uma criança se sente ao ter o seu desenho desvalorizado pelo professor:

Quando eu era pequena , como todas as crianças, gostava muito de desenhar. Passava horas com papel e lápis na mão desenhando. No jardim de infância fui considerada "talentosa" tendo sido convidada a freqüentar uma escolinha de arte. Os desenhos que fazia nunca iam para a exposição dos melhores trabalhos. Logo percebi como deveria desenhar para "entrar no mural" e foi assim que, um dia, fiz uma paisagem que eu sempre via em desenhos: um barco a vela navegando no mar, com uma ilha ao lado, onde havia uma palmeira, três montanhas ao fundo e um sol que se punha. Nuvens e gaivotas preenchiam do espaço no céu. Naquele dia meu trabalho foi finalmente exposto. Depois dessa experiência "bem sucedida" passei a desenhar estereotipadamente, porque assim meus trabalhos eram aceitos e valorizados. ( p. 1).

É necessário que haja um fim útil na produção da criança. As atividades podem ser transformadas em brinquedos para que as mesmas levem pra casa, ou podem ser guardadas com o intuito de que a criança observe o seu processo criativo. Podem até mesmo enfeitar as paredes de casa, enfim uma série de "utilidades" poderiam ser estabelecidas. Antes, porém, se faz de grande necessidade que as atividades sejam expostas nas dependências da escola para que haja a valorização por parte dos professores, dos pais e das crianças. Os processos de produção, comunicação, exposição, valorização e reconhecimento, motivam a criança a se desenvolver na sua artisticidade e elevam a auto-estima das mesmas e de seus familiares ( RCNEI,1998).

Mas todo o cuidado é pouco na hora de expor as produções das crianças. Ao fazê-lo o professor precisa ter consciência que a exposição deve seguir um rigor de capricho e cuidado com as produções realizadas, a fim de que a exposição seja de fato valorizada (Barbieri, 2012).

Percebendo a importância que o desenho tem na vida da criança pode-se perceber também como ela se sente feliz quando o seu desenho é valorizado. Valorizar o desenho da criança é dar importância à sua produção. Essa atitude é um bom aliado para que a criança se sinta motivada e continue suas produções gráficas:

O papel dos educadores(as) é importante para que alunos e alunas aprendam à fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. As crianças precisam sentir que as expectativas e as representações destes à seu respeito são positivas, ou seja o seu desenvolvimento em arte requer confiança e representações favoráveis sobre o contexto de aprendizagem. Portanto, as situações de aprendizagem da arte pode gerar disposição ou indisposição, quando os educadores(as) realizam comparações que não valorizam os avanços das crianças em relação a níveis de aprendizagem e que não consideram o enfrentamento dos obstáculos inerentes ao aprender arte, podendo gerar sentimentos de baixa auto estima e humilhação ou de poder e orgulho por corresponderem ou não as expectativas. (NASCIMENTO; TAVARES , 2011, p. 184).

A espacialidade é algo importante durante as aulas de artes. Para criar, a criança necessita ter à sua disposição possibilidades que facilitem seu processo. O espaço é fundamental nas possibilidades concretas e escolhas do imaginário das crianças. Na maioria das vezes o professor acredita que o único espaço é o espaço da sala de aula, independente das propostas de trabalho a serem realizadas. Esse problema talvez ocorra por comodismo ou por dificuldades que a gestão da escola impõe em relação a limitar o uso desses espaços.

(...) não existem espaços vazios de significados... O espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou de opressão. ( SEBATIANI apud SOUSA LIMA, 1989, p.30)

Os espaços da escola podem e devem ser mais explorados. A criação parte sempre das condições em que a criança se encontra: se ela fica apenas em sala, sentada em uma cadeira com apenas a mesa como apoio, o papel A4 e o lápis de grafite como suportes únicos, como poderá desenvolver o seu senso de criação? Dessa forma as possibilidades para perceber novos desafios ficam muito restritas às ordens e desordens do adulto.

Faz-se necessário um ambiente de oficina, seja ele permanente ou não. Esse ambiente deve possibilitar a organização e exposição de materiais a fim de que, ao visualizá-los, as idéias se concretizem. ( Barbieri, 2012). As crianças são capazes de

criar e produzir suas formas e pensamentos. Basta possibilitar a elas caminhos que possam percorrer e se descobrir sem a opressão dos adultos.

Depois desta breve articulação com os teóricos passaremos à prática. Em um campo de observação e atuação em que permaneci durante os meses de junho e julho, trabalhei e me dediquei em todo o processo de proporcionar uma seqüência didática a meus alunos, elaborada de forma a atender as possibilidades e valorização do desenho infantil e da noção da espacialidade.

Foi nesse momento que me aproximei da fenomenologia da criança e me envolvi de tal forma que nunca mais o meu olhar será o mesmo, em relação às possibilidades que posso proporcionar as crianças. O diário de bordo foi a todo o tempo meu guia, meu apoio, meu confidente: com ele e a partir dele consegui enxergar possibilidades que nunca havia percebido. Me envolvi como ser observante e também participante. Particpei como atuante dentro do fazer e observar desses momentos tão prazerosos. Como diz Machado em seu site-blog Agachamento:

**Agachar-se** é ir ao chão, ficar de cócoras, estar muito perto de onde a criança pequena está. **AGACHAMENTO** propõe ao adulto visitante do sítio agachar-se na direção das crianças, propondo a compreensão de um longo caminho de **agachadas**. Postura boa para brincar, agachar-se é tentar compreender a criança no seu ponto de vista; é fazer reverência ao modo de ser da criança, gesto de proximidade e de começo de alguma coisa... um **agacho!!** "Agachar-se" (Agachamento, 2011, último acesso em 12/10/2015)

Apresento como metodologia:

- ✓ Levantamento bibliográfico.
- ✓ Coleta de possibilidades e valorização sobre o desenho infantil a partir da noção de espacialidade.
- ✓ Oferta às crianças da seqüência didática.
- ✓ Construção do diário de bordo.
- ✓ Análise do diário.

Logo abaixo início o relato dessa maravilhosa experiência, vivida de forma tão prazerosa por mim e pelas crianças da minha turma.

Os nomes das crianças foram preservados e para identificação das mesmas usei apenas iniciais. Durante todo o processo 21 crianças tiveram participação, sendo onze meninas e dez meninos.

Meninas	Meninos
E.	R.
M.A.	Ga.
M.A.S.	Jh.
M.L.	Er.
A.C.	El.
A.	Je.
G.	K.
I.	Gu.
C.	Y.
S.	M.
J.	

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 O mapa interpretativo

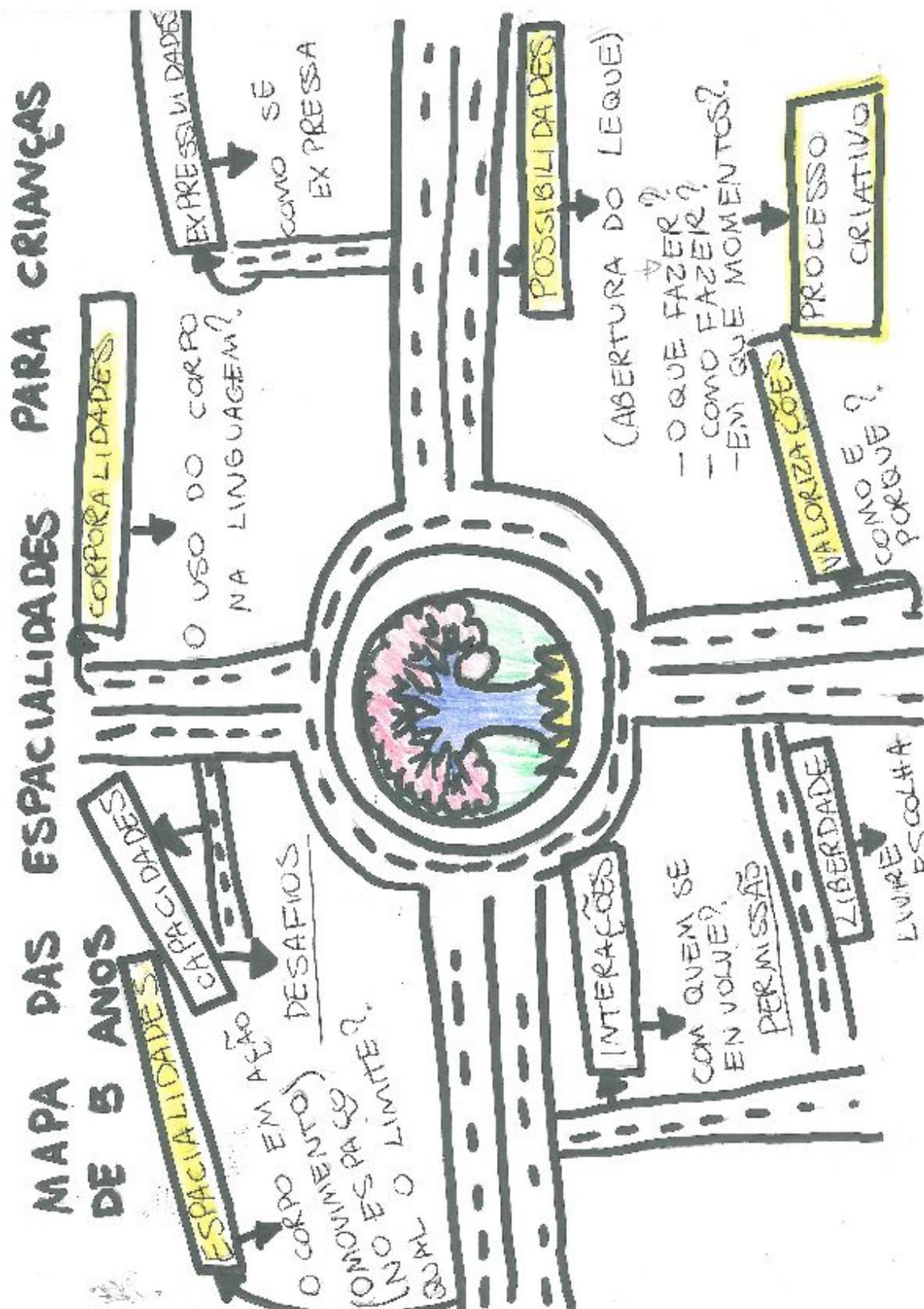


Figura 1- Mapa das espacialidades para crianças de 5 ano

Mostro aqui um mapa criado e desenhado por mim onde é possível perceber com clareza as possibilidades ao longo dessa caminhada. São possibilidades de envolvimento com a criança de modo que a espacialidade se expandiu de forma a adentrar nos âmbitos das corporalidades, possibilidades e valorização.

No texto "Artisticidade, fenomenologia e infância", Machado (2015), comentando o fazer artístico das crianças, afirma que elas devem ser valorizadas em seus momentos de atuação performativa, e não em ensaios exaustivos para momentos posteriores. Durante o processo com fundo fenomenológico o professor tem a oportunidade de conhecer melhor as crianças, e partir para a construção de um mapa que o auxiliará a fazer reflexão acerca de sua experiência e das crianças.

O incentivo e instruções para a elaboração de nossos mapas partiu da nossa orientadora; no "Mapa do brincar de zero a seis anos" ela construiu um possível significado para ações infantis revelado por âmbitos existenciais, a partir das observações com crianças e seus modos de brincar. O fundamento do mapa é destacar a construção do conhecimento do professor acerca da criança, para que o mesmo trabalhe de forma a atender a realidade de cada ser. Aqui o professor deixa de lado a projeção da criança como ser teórico por faixas etárias e passa a reconhecê-la como ser único e de reações e desejos incomuns.

O mapa das espacialidades por mim criado revela uma árvore cujas raízes se mostram totalmente ativas em relação aos caminhos que podem ser abertos, desde que o professor se mantenha na posição de pesquisador, observador e intérprete da criança em seu viver. Durante a elaboração desse mapa, percebi que as atividades devem ser propostas com o intuito de favorecer as escolhas da criança; dessa forma os caminhos traçados no mapa revelam a espacialidade diretamente ligada às corporalidades, interações, expressividades e criatividade.

O corpo entra em ação no movimento do espaço. Qual o limite para o desenvolvimento dessa corporalidade? Quais interações são possíveis no envolvimento e permissão adulta dos fazeres da criança? Como a expressividade pode ser percebida pelo adulto? Como possibilitar um processo criativo pela criança? Essas perguntas me remetem a respostas e argumentos feitos pelas crianças durante as atividades da seqüência didática.

## 2.2 Reflexões acerca da seqüência didática

- ✓ O corpo e o espaço se entrelaçam na grafia brincante.

Uma atividade proposta foi desenhar no chão usando pedaços de barbantes de tamanhos variados. Antes de iniciarmos, pedi que as crianças sugerissem como poderíamos organizar a sala, de forma que o espaço a ser usado fosse maior do que as mesas que usamos diariamente.

As estratégias usadas pelas crianças, foram muito variadas e chegamos a conclusão de que a sugestão do G. seria mais adequada: "Podemos arrastar as mesas e as cadeiras pro cantinho da sala." Pedi ajuda as crianças para realizarmos essa organização. Todas as crianças compreenderam bem o comando, ajudando e participando de forma muito positiva. O espaço disponível ficou muito desejável.

Em seguida me sentei no chão e comecei a manipular os materiais a serem usados na atividade, até que I. começou a desenhar no chão. Nesse momento me aproximei dela e comecei a desenhar também. As crianças se surpreenderam com minha atitude, pois, anteriormente, não me envolvia diretamente no fazer e sim nos comandos dirigidos:

" Olha, a professora também vai fazer atividade!" Disse A.

" Que legal, ela sabe desenhar!" Disse M.A.

Iniciou-se aí um inventário de criações. Essa atividade propôs às crianças a percepção de possibilidades do uso do espaço e da corporalidade:

" Pra quê esses pedaços de barbante? Nós vamos fazer o que com eles? Questionou E.

" Como assim, fazer atividade no chão? E pode?" Questionou R.

As crianças desenhavam de forma prazerosa, pois apesar de ainda não explorarmos muito o espaço, já demonstravam anteriormente grande interesse pela expressividade no chão. O tempo de disposição das mesmas me surpreendeu, foram aproximadamente 30 minutos de envolvimento geral e, quando as crianças começaram a se distrair e procurar outros afazeres, percebi que I., que foi a primeira criança a iniciar seus traços, ainda permanecia muito envolvida em seus desenhos. Me aproximei dela, fiquei observando e, ao finalizar, resolvi questioná-la a respeito da atividade. Me comovi com sua fala: " Eu gostei porque foi legal, eu desenhei

muito, um tempão e nem precisei desenhar rápido. Eu gosto de desenhar devagarzinho."

Nesse momento consegui perceber o quanto, anteriormente, eu estava impedindo essa criança de se desenvolver em suas atividades, visto que, como ela demora muito para desenhar, colorir ou realizar qualquer outra tarefa, acabo por fazê-la entregar antes que termine. Ela nunca havia me dito isso em palavras, mas fico pensando como agora estava tão claro e eu não havia percebido.



Figura 2 - Desenho com barbante no chão da sala.

✓ O delimitar do espaço

Em outro momento a proposta foi de explorar um espaço desconhecido: como poderemos agora retornar ao espaço restrito e imposto como sendo único? Desenhar com o mesmo barbante da atividade anterior, porém repicado com a tesoura e fixado com cola na folha A4. Ao apresentar a proposta, percebi uma decepção por parte de algumas crianças:

"- Olha que legal, nós vamos desenhar como na atividade de ontem." Disse E.

"-Mas agora tem pouco espaço!" Percebeu I .

"Eu gostei muito de desenhar no chão. Mais do que no papel, porque não tinha cola o barbante tava solto, ai dava pra desenhar e desmanchar e depois desenhar de novo, desenhar outro desenho, um montão de vezes." C.

Fiquei fascinada com a percepção pelas crianças de possibilidades em relação à espacialidade. Apesar de fazermos uso do papel A4 que já é comum nas rotinas, possibilitei que o espaço físico das mesas fosse ampliado de forma a não usarmos a mesma disposição, de quatro crianças em cada mesa. Pedi sugestões às crianças de como poderíamos organizar a sala de forma que o espaço fosse maior, porém sem usarmos novamente o chão como suporte. Novamente a sugestão de G. foi muito boa: " Podemos juntar todas as mesas, e assim ficamos bem coladinhos."

Começamos a arrumação do espaço e todos se empenharam em ajudar, foi muito mais fácil do que nas outras vezes em que realizei esse tipo de organização sozinha, impedindo-os de participarem.

Os materiais ficaram disponíveis em uma mesa. Peguei o meu material, me sentei junto a eles e comecei a traçar o meu desenho. Nesse momento eles ficaram me olhando sem entender e questionando se eu iria dar o material para eles também. Sugeri que eles mesmos pegassem, para realizar a atividade com independência. E assim fizeram. Não houve grandes complicações mas apareceram desafios a serem vencidos. Como a cola foi oferecida dentro de tampinhas de PET a serem usadas com as pontas dos dedos, A. reclamava o tempo todo de que o papel estava colando em seus dedos e dessa forma não conseguia colar o barbante. Assim questionei: "E como podemos fazer para que o papel não cole nos dedos?"

A sugestão de G. foi de prendermos o papel na mesa usando fita crepe. As crianças ajudaram-se de modo que todos prendessem os seus papéis. E realmente ficou bem melhor para manusear os materiais e realizar a atividade. Percebi que estratégias que as crianças imaginam são muitas vezes melhores do que as que propomos de forma única e fechada: basta dar a elas a oportunidades para se expressarem e colocarem em prática.

Apesar do envolvimento geral das crianças, percebi maior dificuldade em relação à atividade anterior. Penso que talvez, pelo fato de sentirem diferença na espacialidade. A concentração durou cerca de trinta minutos; houve um contra tempo com a utilização da tesoura para o corte dos barbantes. Percebi que preciso trabalhar mais com o uso das tesouras: essa habilidade ainda não estava consolidada pelas crianças.



Figura 3 - Desenho com barbante no papel A4.

✓ Um pouco maior, mas nem tanto

Em outro momento, usando a mesa do refeitório como suporte e as tampinhas de Pet como material, foi possível realizar vários grafismos. A proposta do uso desse espaço foi sugerida por mim, após as crianças pedirem minha ajuda nas opções de escolha. Ao chegarmos ao refeitório solicitei a ajuda das crianças para juntarmos as mesas. Elas ajudaram de forma bem organizada. Alias, o que me surpreendeu muito foram a organização e dedicação que elas tiveram na preparação das atividades, coisa que antes não ocorria, pois eu não oportunizada tanto esses momentos. A espacialidade e as possibilidades foram percebidas e comparadas com o espaço utilizado nas atividades anteriores:

"-É, aqui dá pra desenhar mais do que no papel." Disse J.

"-É maior do que o papel, mas não é maior e do que o chão não." Concluiu R.

"-Olha C. que legal, dá pra desmanchar o desenho e fazer outro, igual naquele dia que a gente desenhou com o barbante no chão."

A partir da percepção de R., todas as crianças desmancharam seus desenhos e refizeram outros. Desmancharam e refizeram novamente... Deixando claro que

não é preciso fixar uma forma, pois para a criança pequena tudo é polimorfo / mutante<sup>1</sup>.

Elas ficaram ali por 25 minutos, criando e recriando um mundo de imaginações, como se o poder de desenhar, desmanchar e desenhar novamente fosse uma verdadeira mágica.



Figura 4 - Desenho com tampinhas na mesa do refeitório.

✓ A vertical de um novo traçar

A percepção deste dia foi com o posicionamento do desenho e o material, que era novidade para todas as crianças: desenhar com fita crepe no quadro verde, que se encontrava na vertical, foi uma nova possibilidade para as crianças:

"- O meu desenho ficou em pé" Disse R.

"- É mesmo, que legal ! " Analisou M.A.

A interação e o protagonismo foram muito ricos, já que as crianças precisaram umas das outras para se ajudarem na manipulação do material:

" G. , você segura o rolo de fita e eu corto com a tesoura, pra entregar os pedaços pra todo mundo", sugeriu A. E ela comandou da seguinte forma:" Todo mundo tem que fazer fila pra ganhar os pedaços de fita."Para minha surpresa as crianças obedeceram a regra colocada pela colega e se organizaram de forma bem

---

<sup>1</sup> Observação de Marina Marcondes Machado, durante as orientações.

tranqüila. À medida em que iam ganhando os pedaços de fita, colavam no quadro, formando os seus desenhos.

Dessa vez G. descobriu que com a fita crepe também poderia fazer o mesmo processo de desmanchar o desenho e fazer outro, assim como aconteceu com o barbante no chão e as tampinhas na mesa:

" Olha , gente! Dá pra tirar a fita e desmanchar o desenho e depois da pra desenhar outro."

Nesse momento ficou claro que estava acontecendo uma união das descobertas relacionadas com os encontros anteriores.



Figura 5 - Desenho com fita crepe no quadro verde.

✓ A descoberta de espacialidade: será que cabe?

A proposta agora foi de usarmos o papel cartão preto como suporte, e o papel higiênico como material de grafismo. Com essa atividade ficou muito claro que a espacialidade já estava sendo observada e absorvida pelas crianças. M.A. percebeu que o papel cartão é bem maior que um papel A4 e analisando o tamanho das mesas a mesma percebeu que não caberiam 4 folhas de papel cartão em cada mesa. A estratégia usada por ela foi de usarmos o chão:

"-Temos que desenhar no chão mesmo, porque o papel é grande e não cabem todos na mesa."- Acho que cabe um papel mas todos não cabem , não." Argumentos de M.A.

Ao questioná-las sobre o que poderia ser feito com o material exposto, R. respondeu: "Eu acho que é pra fazer desenho, porque a gente está fazendo um monte de desenhos com coisas diferentes". Ficou assim bem evidente a transformação do resultado em processo criativo. A seqüência didática também foi observada pelas crianças de forma a perceberem que existia mudanças nas rotinas.



Figura 6 - Desenho com papel higiênico no papel cartão preto.

✓ O sentido de uma seqüência lógica se faz no interior de cada ser pensante

O objetivo da atividade agora narrada foi de que, a partir de um desenho iniciado por uma criança, as outras seguissem uma seqüência lógica. O que eu esperava naquele momento era que as crianças dessem seqüência ao mesmo campo semântico de uma árvore que El. desenhou inicialmente. Assim esperei que para compor aquela árvore os desenhos seguintes fossem de pássaros, borboletas, riachos, etc. Mas para a minha surpresa descobri que o sentido de uma seqüência se faz no interior de cada ser pensante. E os desenhos despertaram de forma espontânea; novamente as interações foram importantes, pois a necessidade do envolvimento com o outro se fez durante as criações e propostas colocadas por eles próprios.

Particularmente, a partir do momento vivido, não gostei dessa proposta de atividade. Eu já havia progredido em minhas elaborações e penso ter regredido a

algo que, pela sua forma, fez perder o sentido da seqüência didática. Mas graças ao senso criativo das crianças a atividade não ficou totalmente perdida, pois os mesmos encontraram outras possibilidades de envolvimento com o espaço e o material disposto:

"El., desenha o meu corpo deitado !? " Disse Gu, ao propor que El. desenhasse o contorno do seu corpo no papel.



Figura 7 - Desenho de uma seqüência lógica.

- ✓ O corpo em movimento no espaço não linear

Em outro dia, ao chegar na sala, disse às crianças que iríamos até a escadaria da escola, porém sem revelar o que lá aconteceria. Ao chegar no local as crianças viram uma caixa com vários giz de quadro verde, coloridos:

" Olha que legal, é giz pra desenhar na escada." Disse E., demonstrando uma felicidade sem fim.

" Não né E., a gente não pode desenhar na escada, porque vai ficar sujo e a professora não vai deixar. E também , aqui na escada não é lugar pra desenhar." Disse Ga, demonstrando vontade em realizar a proposta de E., porém sem esperança que pudesse ser verdade.

" Pode desenhar sim Ga., porque agora a professora deixa a gente desenhar em muitos lugares diferentes." Argumentou E.

Ajoelhei-me em um degrau da escada e comecei a traçar o meu desenho, o que fez com que E. finalizasse seus argumentos: "ta vendo Ga., é pra desenhar mesmo!"Imediatamente as crianças também iniciaram seus grafismos.

A escadaria da escola, além de ser estreita, é a única passagem disponível de um andar para outro. Sendo assim a transição de crianças e funcionário é constante. Sabendo da possibilidade de grandes interrupções por conta dessa questão, realizei um combinado com as crianças, ficando acordado de que quando alguém chegasse para passar era só chegar um pouco para o cantinho, para dar licença.

Nessa atividade as crianças exploraram muito a corporalidade dentro da espacialidade, pois fizeram uso de diversas posições para a realização de seus desenhos. Os degraus foram preenchidos na posição horizontal e vertical.

"Estou desenhando uma carreta com muitos eixos e cada eixo desce para outro degrau da escada." Disse Ga, ao argumentar a utilização de vários degraus da escada, na posição horizontal e vertical.

Dessa vez A. percebeu a possibilidade que já vinha acompanhando os encontros anteriores:" Olha pessoal: tem jeito de apagar o desenho com a mão e depois fazer outro." O experimento proposto por A. levou as crianças a realizarem desenhos variados.

As crianças desenharam por 20 minutos e demonstravam sinais de que ainda não estavam por terminar, porém tive que interrompe-los, pois logo a escada seria usada por grande quantidade de crianças, que desceriam para o recreio.



Figura. 8 - Desenho com giz na escadaria.

✓ Traços com vida em movimento

Noutro dia, no parquinho da escola, propus brincadeiras com tiras e pedaços de TNT. Coloquei o material no chão, de forma em que as tiras e pedaços ficassem bem distribuídos a fim de que as crianças fizessem seleção e escolhas dos tamanhos e formas. Assim, todos se levantaram e foram próximos ao material. Observaram, fizeram escolhas e partiram para a brincadeira. R. escolheu apenas uma tira, porém a maior de todas. E saiu correndo a fim de que a tira se levantasse com o vento. Foi lindo, pois realmente no dia estava ventando e ele conseguiu atingir seu objetivo:

" - Olha gente a minha tira ta viva igual uma serpente." Disse R.

E. também pegou apenas uma tira grande, sentou-se no chão e começou a enrolar. A principio não entendi o que ela estava fazendo, fiquei curiosa, mas não a questioneei. M.A. pegou algumas tiras e chamou a I. pra brincar com ela de cobra cega. E assim começaram a brincar, mas ficaram por pouco tempo nessa brincadeira. Logo em seguida elas começaram a se enfeitar com o material tnt. Fizeram roupas e acessórios. I. colocou um pedaço de tnt na cintura e confeccionou uma saia, M.A. disse a ela que faltava a blusa. E logo tratou de resolver o problema, pegou uma tira de tnt e confeccionou uma blusa no corpo da I. Nesse momento E. vem correndo ao encontro delas e diz:

" - Olha que legal, eu tenho um bebezinho." Ela havia construído um bebê de colo feito com a fita grande de tnt.

I. ficou encantada com o bebezinho construído pela E. e pediu para pegar ele um pouquinho. E. o entregou com cuidado e carinho da mesma forma em que I. o recebeu. I. começou a brincar com o bebê imaginário, como se fosse de verdade, acariciando e ninando. R. depois que correu bastante e admirou o balançar do seu tnt, voltou para buscar mais pedaços, e dessa vez escolheu com mais detalhes. Pegou pedaços variados nos tamanhos e nas cores e se juntou as meninas perguntando se poderia brincar com ela. Elas o receberam muito bem. E. mais que depressa o colocou para ser o papai. E pegou o bebe do colo da I. e o deu aos braços de R., que se sentou em uma cadeira e começou a ninar o bebê.

Percebi que ali já acontecia um inventário de desenhos vivos. Era tudo muito vivo. Desenhos próprios com vida que muitas vezes passam despercebidos. O desenho aconteceu na saia e na blusa confeccionados no próprio corpo, na construção de um bebê, no balançar das tiras que voavam com o vento e nas muitas invenções que as crianças são capazes de pensar e fazer.

Fiquei ali por mais um tempo observando e me sentindo emocionada com tanta beleza viva.

Essa atividade durou um tempo maior que as outras, aproximadamente 40 minutos de envolvimentos imaginários pelas crianças. E apenas terminou com o fim do horário. Hora de ir embora: felizes e cheios de vida.

A expressividade e interação ficaram muito claras nessa atividade, pois as crianças se envolveram em um verdadeiro teatro, onde as tiras de TNT tomaram vida e passaram a fazer parte da realidade da criança.



Figura 9 - Desenho com tiras de TNT

As valorizações dessas atividades foram feitas de forma a despertar na criança o seu senso de criação e percepção em outras oportunidades futuras. Dessa forma fiz varias exposições dentro da escola com as fotos das atividades realizadas.

### **3. Conclusão: E agora, para onde irei?**

Desenhar é parte das culturas da infância, mas um grau importante de naturalidade pode ser perdida caso os estímulos do mundo ao seu redor não sejam constantes. A partir do trabalho desenvolvido percebi que as possibilidades ainda estão restritas, pelo fato de ainda não perceber como pode contribuir para que a criação da criança se desenvolva de forma criativa em suas produções gráficas. Como eu, diversos professores devem viver o mesmo.

Durante a experiência da seqüência didática tive oportunidade de me envolver com as crianças de forma a perceber as necessidades e capacidades de cada uma. O curso DOCEI me proporcionou uma visão de infância diferente da que eu antes concebia: como algo estático.

A exploração da espacialidade foi algo inovador e que proporcionou às crianças envolvidas uma abertura para escolhas e decisões enfraquecendo as imposições antes colocadas como únicas.

Sinto-me muito satisfeita em dizer que o que aprendi durante esse processo me fez crescer como pessoa e profissional. O retornar da infância se adentrou em mim de forma a me fazer voltar a desenhar. Será mesmo isso possível? Mas, e agora? Como posso dar continuidade em um processo que ressuscitou em meu ser? Ah, mas estava eu enganada, na verdade a grafia e a magia do desenho não estavam mortos dentro de mim, e sim, apenas adormecidos. Bastou uma remexida no passado para que as possibilidades reaparecessem.

Esse trabalho me remeteu a um leque de possibilidades acerca do presente tema; sendo assim tenho como projeto futuro o compartilhamento do desenvolvimento de um projeto voltado para a área da arte, com enfoque no desenho, na própria instituição de ensino onde trabalho atualmente. Os estudos na área específica do desenho infantil se tornam um desejo futuro.

E agora já sei pra onde irei...

Irei para onde meus traços mandarem, me guiarem, pois já sei que as possibilidades podem ser muito grandes se minha vontade for ainda maior.

#### 4. Referências Bibliográficas

BARBIERI, Stela. **Interações: Onde esta a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012. 162 p.

EDUCAÇÃO, Ministério da. **RCNEI**, vol 3, 1998. Disponível em:  
< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> >. Acesso em: 20 out. 2015

LACERDA, Aroldo Dias. **Por que as crianças param de brincar quando vão para a escola?** In: *Anais do X Colóquio sobre questões curriculares & VI Colóquio Luso Brasileiro de currículo. Belo Horizonte, setembro 2012*

MACHADO, Marina Marcondes. **A criança é performer.** In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, nº 35(2), p.115-137, maio/ago,2010.

MACHADO, Marina Marcondes. **Artisticidade, fenomenologia e infância.** Cópia xerox / sem data.

MACHADO, Marina Marcondes, **“Sobre a descrição fenomenológica”**, cópia xerox / sem data

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador.** 8. ed. São Paulo: Loyola, 1993. 128 p.

NASCIMENTO, Edna S.P ; TAVARES, Helenice Maria. **As artes visuais na educação infantil: possibilidade real de lúdico e desenvolvimento.** Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 169-186, 2009. Disponível em: < <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/14-PEDAGOGIA-03.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

Sebastiani, Márcia Teixeira. **Fundamentos teóricos e metodológicos da educação infantil.** Curitiba, 2008

VIANNA, Maria Leticia Rauen. **Desenhos estereotipados : um mal necessário, ou é necessário acabar com esse mal?"** ADVIR, Rio de Janeiro, nº 5 , p. 55. abril 1995. Disponível em :  
<[http://www.asduerj.org.br/images/advir/pdf\\_revista/Advir05online.pdf](http://www.asduerj.org.br/images/advir/pdf_revista/Advir05online.pdf)>. Acesso em 10 nov. 2015

WENETZ, Ileana. **Das escolhas que fiz: implicações etnográficas na pesquisa com crianças.** Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 133-149, maio/ago. 2011. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a10.pdf> >. Acesso em: 15 out. 2015

#### Webgrafia

MACHADO, Marina Marcondes. **Vídeo de agachamento. 18 de maio 2011.** Disponível em: <[http://www.agachamento.com/?page\\_id=38](http://www.agachamento.com/?page_id=38)>. Acesso em: 12 out. 2015